

1-A-76

1-A-76  
32

**ESCOLA DE GUERRA NAVAL**

Curso C-PEM/85

Partido.....

Solução do P-III-7 (EN) ENSAIO

Apresentada por

ARMANDO SÉRGIO DE ANDRADE DA COSTA

CAPITÃO-DE-FRAGATA (FN)

NOME E POSTO



**RIO DE JANEIRO**

19.85

- A VIOLÊNCIA NO CONVÍVIO SOCIAL -

ARMANDO SERGIO DE ANDRADE DA COSTA  
Capitão-de-Fragata (FN)



MINISTÉRIO DA MARINHA  
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1985

GN-00001035-4

MM - EGN  
BIBLIOTECA  
29/08/1986  
N: 307

A VIOLÊNCIA NO CONVÍVIO SOCIAL

ARMANDO BORGES DE ANDRADE DA COSTA  
Capitão-de-Fragata (TM)



MINISTÉRIO DA MARINHA

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1985

TEMA:

A VIOLÊNCIA NO CONVÍVIO SOCIAL

Tópicos a abordar: Causas estruturais da violência e seus reflexos na Segurança Nacional. Conceituação de violência, combatividade e agressividade. A combatividade no meio militar e a agressividade individual.

O pacifismo atual e as possíveis consequências de suas ideias no seio das Forças Armadas brasileiras.

Proposição:

Estabelecer as causas estruturais da violência, os seus possíveis reflexos na Segurança Nacional e apresentar as principais ideias pacifistas que começam a surgir no Brasil.

Estabelecer as principais diferenças entre a combatividade e a agressividade.

## INTRODUÇÃO

A violência, se não é nova como fenômeno social, tornou-se um fato relevante nos tempos atuais, e que caracteriza com nitidez a falácia do sistema social dentro do qual estamos vivendo.

Ela é um fenômeno global, que atinge a pobres e ricos, tanto nos países ricos, como naqueles menos desenvolvidos, onde costuma assumir níveis assustadores e tendendo a ser incontrolável.

No Brasil, a violência tornou-se um fenômeno urbano de tal gravidade, que, nos últimos anos, vem merecendo a atenção especial de toda a sociedade como jamais o fora em épocas passadas. Vários segmentos da sociedade se mobilizam na busca de interpretações que nos conduzam a mecanismos de correção. Todos estão perplexos diante de tão nefasto problema e buscam fórmulas urgentes para sustar sua propagação.

De vez que a violência é um fenômeno social, ela pressupõe, para sua compreensão, um entendimento profundo de um complexo de fatores que a ela estão associados.

Inicialmente, como a violência é apenas uma forma do comportamento humano, não se poderá deixar de lado os aspectos relacionados aos seus mecanismos básicos, das leis que motivam o homem, dos efeitos, dos processos psicológicos de frustração e de todos os demais problemas da psicologia individual e social. Ainda devem ser consideradas as condicionantes culturais e sociais, inclusive as estruturas sociais vigentes, além dos aspectos econômicos, especialmente aqueles que estão relacionados à pobreza da massa e concentração de renda. É necessário também adicionarmos a essas condicionantes, e a elas serem inter-relacionados, os aspectos morais que caracterizam um povo, numa determinada época e numa certa conjuntura político-social.

Embora haja teorias que afirmam ser inato no homem e nos

animais um instinto de perpetuação da espécie e que chamamos de combatividade, é preciso entender que, antes de tudo, a violência é efeito e não causa.

Dentre os fatores que dão origem a violência, num grau variado de peso e de presença considerada irregular, os mais significativos são:

- A extensão e a qualidade da educação básica e profissionalizante;
- A economia, em particular a distribuição de renda;
- Os níveis de desemprego;
- O crescimento populacional e urbanização crescente e suas conseqüências sociais;
- O sistema previdenciário;
- O sistema de amparo e recuperação do menor carente;
- Os padrões morais e o grau de permissividade social;
- Influência direta e indireta dos meios de comunicações de massa;
- O sistema de repressão ao crime, de prevenção e a qualidade de reeducação do infrator;
- O grau de confiança pública na autoridade constituída e no sistema de segurança;
- O abandono da prática religiosa;
- Os interesses subalternos de extremistas de implantar a desordem;
- A dissolução da família.

## A VIOLÊNCIA E A SEGURANÇA NACIONAL

É evidente que, no quadro atual, quase todos os fatores que geram a violência, senão todos, em maior ou menor intensidade, são de tal forma deficientes em face das necessidades da sociedade, que concorrem significativamente para o incremento da violência. Na verdade, assistimos às formas mais variadas de violência que vai da violência profissional até a violência social difusa.

O fato alarmante é que a violência é um fenômeno em expansão, chegando mesmo a colidir com os interesses Nacionais.

Assim, a Paz Social que constitui-se numa das mais sentidas aspirações de nosso povo, sendo mesmo reconhecida como Objetivo Nacional Permanente (ONP), encontra na violência e suas causas, o mais sério obstáculo à sua concretização. A Paz Social é definida como sendo a busca incessante de uma forma de vida em que sobre o conflito predomine a conciliação, seja entre indivíduos, seja entre grupos, classes ou regiões.

Dessa forma, é necessário que sejam estabelecidas amplas diretrizes para que sejam atenuados os efeitos, sempre nefastos, da violência. O seu crescimento em nosso País exige a formulação de uma política de âmbito Nacional, executada de maneira firme e eficaz, em todos os níveis e camadas da sociedade, afim de combater a violência sem tréguas e conseqüentemente diminuí-la a níveis aceitáveis, visto a impossibilidade de erradicá-la.

A Paz Social, como ONP, deve ser preservada, ainda que para isso, seja desenvolvido um amplo esforço por parte dos diversos segmentos sociais de vez que todos são co-responsáveis nesta batalha.

### CONCEITUAÇÃO E CAUSAS ESTRUTURAIS

O termo violência deriva do latim "VIS", força, sem contu

do restringir-se à força física, como os romanos já admitiam, no que concerne à coação, entre a violência física (VIS absoluta) e a moral (VIS compulsiva), numa dicotomia que, conservando ainda hoje sua validade, exprime a dualidade básica das formas de violência.

Em sentido mais amplo, a violência pode ser definida como sendo o uso da força para a solução de qualquer conflito humano, seja individual seja coletivo. Sob outro enfoque podemos definir violência como a ruptura de uma ordem estabelecida. Assim, tanto age violentamente aquele que usa a força contra outrem, como quem procura impor suas ideias a terceiros, através de meios psicológicos de captação ou submissão da vontade.

A guerra nada mais é que a violência coletiva configurada por altos níveis de exacerbação não estando dissociada, entretanto, de outras causas. Deste modo, não é válido equipararmos violência e guerra, como se a violência a nível individual fosse derivada da atividade bélica. Entretanto, é efetivamente estranho que nações civilizadas ainda recorram à guerra para obter soluções de suas divergências, ao invés do apelo aos meios pacíficos, propiciados pelo Direito Internacional. Deste fato resulta a confirmação da existência do coeficiente de agressividade no indivíduo, sem o que a violência coletiva tenderia a desaparecer com o processo de evolução da civilização e o abrandamento dos costumes.

Sob o ponto de vista filosófico a violência foi mais enfatizada pela corrente existencial que sustenta ser a angústia uma aventura que todo homem deve encarar se não quiser perder-se. Não se trata de uma angústia psicológica e sim de uma angústia metafísica que marca uma dimensão da existência humana. Segundo essa corrente filosófica, o homem é um ser lançado no mundo, tendo sempre a morte a espreita-lo. Assim, o homem tem consciência de sua finitude e essa consciência é

traduzida pela angústia. A angústia é a máquina que tece a frustração existencial, que gera o desespero e este a violência.

A combatividade é definida por Konrad Lorenz como sendo um instinto de vida que, fundamentalmente, age sobre os territórios, os grupos e aos próprios impulsos. Assim a combatividade nada mais é que o instinto de preservação do indivíduo ou da espécie e que se manifesta por combates adaptativos. Na natureza, é muito comum a luta entre dois indivíduos da mesma espécie para conquistar ou manter território ou mesmo para assegurar a posse da fêmea. Em outros casos a própria liderança dos grupos é disputada com esses combates. No homem, a combatividade é muito mais aleatória no seu desencadeamento, do que a combatividade automática dos animais.

Nos homens ela pode ser controlada por uma ética, o que a torna muito ligada aos complexos conceitos da psicologia: personalidade e vontade.

A agressividade, ao contrário da combatividade, é o instinto de morte cujo objetivo é destruir tudo que o sexo produziu. Em outras palavras é a componente motriz de todo o impulso, que relacionado ao instinto sexual (de preservação da vida da espécie) caracteriza o sadomasoquismo e, sem estar relacionado ao libido apresenta-se como a destrutividade criminosa.

Muitas teorias sobre a causa estrutural da violência são aceitas nos dias de hoje. Os métodos que os pesquisadores utilizam para a sua formação são bem diversificadas porem, apesar dessa diversidade, alguns pontos são subjacentes a quase todos os estudos teóricos do problema. A violência, afinal de contas, é apenas uma forma do comportamento humano, e todas as atividades humanas têm alguns fatores comuns que devem ser considerados para que as atividades possam ser entendidas e explicadas.

O primeiro fator é a instigação que pode ser definida como sendo a força existente no indivíduo, que o motiva, o impul

siona ou o impele para a realização do comportamento violento. Sem essa força motivadora, é improvável que o indivíduo se comporte de modo violento. De forma análoga, é improvável que um grupo se comporte violentamente a não ser que alguns de seus componentes sejam instigados à execução do comportamento agressivo. Embora a forma mais fundamental de instigação para a violência seja um desejo de ferir os outros, essa hostilidade não é a única fonte motivadora de comportamento agressivo. Às vezes, os indivíduos ou grupos se comportam agressivamente com o intuito de atingir outras finalidades. Por exemplo um grupo de adolescentes pode participar de uma luta, não para ferir seus adversários, mas para demonstrar coragem. Um outro exemplo é o do carrasco, que pode estar procurando, com seu trabalho ignóbil, ganhar honestamente a vida. Evidentemente como todo comportamento humano, a violência é normalmente resultante de determinação múltipla, e satisfaz a uma série de necessidades.

O segundo fator é a inibição que corresponde a personalidade individual e que se opõe à expressão manifesta de agressão. A inibição pode ser interna (do indivíduo) ou externa (do grupo). Quando houver ausência de inibição interna o indivíduo se manifestará agressivamente por uma instigação externa a não ser que existam, no ambiente, inibições externas como por exemplo os tabus criados por todas as sociedades para conter ou minimizar os comportamentos violentos. Portanto, é a interação entre as inibições e as instigações que podem determinar se ocorre ou não uma resposta agressiva, e influi na direção e na natureza de qualquer comportamento agressivo realizado.

O terceiro fator decorre da característica humana de viver em grupos ou em sociedades. Assim, seu comportamento também é função das situações de enquadramento e posicionamento nesse grupo ou sociedade. São os chamados fatores situacionais, que podem atuar de modo a excitar ou de inibir a expressão do

comportamento agressivo. Uma multidão que aplaude uma pessoa pode ter um efeito excitador enquanto que a presença de um representante da lei pode se constituir num efeito inibidor.

Assim, para que haja um comportamento violento é necessário que os fatores motivacionais (instigação + fatores excitadores) sejam superiores aos fatores inibidores (inibição + fatores inibidores). Se os fatores inibidores superam os fatores instigadores, a violência ou o ato agressivo não pode ocorrer. Por outro lado, se os fatores motivadores superam as inibições, o ato agressivo pode ocorrer, não significando entretanto que ele ocorrerá. O fato de que a instigação supere as inibições significa apenas que a agressão é possível.

#### COMBATIVIDADE MILITAR

O militar, de uma forma geral, e em particular, pelo escopo do trabalho, o marinheiro e o fuzileiro naval, são indivíduos comuns e portanto, portadores da combatividade mas, antes de tudo, sujeito a todos os outros fatores que causam a violência. Embora, por formação, possuam uma ética mais acentuada, caracterizada pelos rígidos regulamentos, que consagram a base moral das Forças Armadas - disciplina e hierarquia - o homem que serve a Marinha deve ser encarado também como portador genético dos impulsos e fatores comuns do comportamento humano.

Se desejarmos aumentar-lhes a combatividade (no sentido de aquerimento combatente) devemos fazê-lo através de adestramento intensivo contínuo, com ênfase no esforço físico, procurando evitar as folgas e a ociosidade. A prática da ocupação permanente, e dos exercícios constantes quer físicos, quer profissionais podem se constituir em um valioso instrumento para dar ao homem a oportunidade de descarregar suas instigações agressivas e assim tornar positiva a expressão do comportamento agressivo. Além disso, pode-se, através do uso justo,

porém inflexível, do regulamento disciplinar e da aprendizagem por imitação, no nosso caso o exemplo, fator fundamental para a liderança, aumentar as inibições e assim adicionar a esta parcela um ponderável reforço para o controle e diminuição da agressividade.

Por outro lado, o empenho em proporcionar aos subordinados o mínimo indispensável, para minorar os problemas relacionados com os fatores que dão origem a violência, tende a diminuir as instigações e a elevar o nível das inibições, constituindo um ótimo recurso para o decréscimo da violência.

Um fato importante a analisar é a diminuição da combatividade da praça nos dias de hoje.

Ao meu juízo e por observação pessoal, o aumento indiscutível do nível de escolaridade, produto das exigências para o ingresso no Corpo de Fuzileiros Navais, vem acarretando diminuição tanto da agressividade (fator positivo), quanto da combatividade (fator negativo). Normalmente, o indivíduo que consegue atingir os padrões exigidos para seu ingresso no CFN, é portador, em maior ou menor intensidade e de modo irregular, de algumas características, particularmente o sentimento familiar, a qualidade da educação básica e escolar, o padrão moral e a crença religiosa.

Assim, embora pertencente, de uma forma geral, a uma camada social simples e modesta, o homem que ingressa nas nossas fileiras pode ser enquadrado, na teoria de Sigmund Freud que sustenta serem as inibições produtos da educação infantil e na teoria de Konrad Lorenz que admite que as inibições e as motivações agressivas são inatas ou de caráter biológico.

Dessa forma, se associarmos a conceito de combatividade com o grau de inibição decorrente das condições já mencionadas, certamente teremos uma base, pelo menos teórica, para controlar os mecanismos que acionam a violência dos quais a combati-

vidade é importante peça.

### OS PACIFISTAS

Na Europa, os movimentos pacifistas, surgidos na década dos anos sessenta, deram origem aos movimentos ecológicos dos dias de hoje. O Partido Verde (PV) da Alemanha Ocidental é um exemplo concreto. Recentemente, seus integrantes foram responsáveis por importantes modificações e reformas no quadro social e político alemão, com suas propostas e incentivo a novas formas de propriedade comunitária e seu questionamento ao desenvolvimento nuclear e à política armamentista.

Esses movimentos estão crescendo no Velho Mundo, e através de ações escandalosas de protesto vêm obtendo sucesso no que concerne a propaganda e conseqüentemente no aumento da popularidade e adesão.

Nos noticiários internacionais é bastante comum a referência a tais ações, destacando-se mais recentemente, os movimentos contra a instalação de mísseis na Alemanha Ocidental, a queda do secretário do partido comunista espanhol e o do intrincado caso do afundamento do Rainbow Warrior do grupo greenpeace.

No Brasil, esses movimentos começam a aparecer e estão, no momento, em fase de organização. O Partido Humanista (PH), através de grupos conhecidos como "coletivos verde" é o mais significativo. Suas propostas oficiais consistem, basicamente:

- no fim do paternalismo;
- no não ao desemprego;
- na educação para a não violência; e
- no não às multinacionais.

Chama-nos a atenção o tema de "educar para a não violência" que significa, em outras palavras, o fim do desvio de verbas da educação para a indústria de material bélico, cujo produto

é destinado a nossas Forças Armadas.

Na situação brasileira, onde as Forças Armadas estão ex tremamente desgastados, pelo que estão chamando de "vinte e um anos de período autoritário", o aparecimento desses movimentos pode se constituir em ameaça ao seu aparelhamento e evolução. Os recursos militares são escassos, a onda contestatória do militarismo, o espírito revanchista de alguns segmentos da nossa sociedade e o surgimento dessas novas ideias, de aparente cunho ambientalista, podem, nessa importante fase de transição política, concorrer seriamente para o agravamento do nosso desaparelhamento e despreparo, tornando-nos mais vulneráveis ainda para o cumprimento de nossas missões constitucionais. Alheios a nossa realidade e as ameaças externas, que podem se concretizar no futuro, esses movimentos poderão criar condições adversas quando surgirem situações de crise/guerra.

O que fazer? que medidas tomar para minimizar essas consequências no âmbito de nossas Forças Armadas?

Parece-nos que uma Política, não passiva, deva ser adotada pelas autoridades militares e que inclua os seguintes pontos: coesão dos FFAA; atento acompanhamento desses movimentos e da fase de transição política; realização de campanhas, pelos diversos meios de comunicações, esclarecedoras da importância, das missões e do trabalho desenvolvido nos FFAA; ação eficaz junto ao Congresso Nacional para a obtenção de recursos maiores; e satisfação à sociedade, no sentido de demonstrar como são aplicados os nossos recursos e o resultado dessas aplicações.

## CONCLUSÃO

A violência é um fenômeno, que cresce perigosa e incessantemente, causando, principalmente nos centros urbanos, o temor e a insegurança.

As suas raízes são explicadas por várias teorias, que se apoiam na filosofia, biologia, antropologia, psicologia e etologia. Embora, sejam essas teorias basicamente diferentes, elas possuem pontos comuns que, se analisados cuidadosamente, poderão, pelo menos, nos equipar com o ferramental necessário a reverter o processo de contínuo crescimento da violência.

Assim, decorrente dessa análise, sugerimos a adoção de políticas e estratégias, diretas e indiretas, capazes de proporcionar à sociedade a tão desejada reversão do processo desencadeador da violência.

Políticas e estratégias diretas:

- Dinamizar o Poder Judiciário;
- Fortalecer a capacidade de ação da política;
- Aprimorar o sistema penitenciário;

Políticas e estratégias indiretas:

- Melhorar a distribuição de renda;
- Aumentar os níveis de emprego;
- Amparar o menor carente;
- Dar ênfase aos investimentos no setor rural;
- Tornar adequado o sistema nacional de habitação;
- Promover programas visando à nutrição, à educação básica e profissionalizante; e
- Promover o controle eficaz nos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, no que concerne as mensagens imorais e as que protejam e estimulam a violência e o crime.

A implementação dessas políticas tornaria, sem dúvida, os fatores de inibição preponderantes na expressão da violência, já

que os fatores situacionais, que concorrem para seu incremento, seriam bem atenuados, de vez que a possibilidade de remoção completa, pressupõe um sistema social perfeito, o que, lamentavelmente, está longe da nossa realidade.

## BIBLIOGRAFIA

1. ARENDT, Hannah. Crises da República. S. Paulo, Perspectiva, 1973.
2. BRASIL. Escola de Guerra Naval. EGN-215A. Guia para a elaboração de teses e monografias. Rio de Janeiro, 1981.
3. \_\_\_\_\_. FI-219. Guia para a elaboração de referências bibliográficas. Rio de Janeiro, 1981.
4. BRASIL. Escola Superior de Guerra. Doutrina Básica. Rio de Janeiro, 1981.
5. BRITO JUNIOR, Antônio. A violência: causas e medidas. A Defesa Nacional. Rio de Janeiro, 691(9/10):133-138, set. out. 1980.
6. CANEGHEM, Denise van. Agressividade e combatividade. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
7. CAVALCANTI, Manoel Niederauer Tavares. Pacto Social e a participação política. Rio de Janeiro, s.ed, 1982. Conferência na Escola Superior de Guerra, em 3 jun 1982.
8. KUJAWSKI, Gilberto de Melo. Violência, permissividade e ilegitimidade. O Estado de S.Paulo, S.Paulo, 24 maio. 1981, p.2.
9. MATTOSO, Eugênio de Macedo. Agressão à Sociedade. A Defesa Nacional. Rio de Janeiro, 673(7/9):103-117, jul.set.1977.
10. MEGARGE, Eduwin I & HOKANSON, Jack E. A dinâmica da agressão. S.Paulo, EDUSP, 1976.
11. MOURA, Paulo Cavalcante da Costa. Características psicossociais da época contemporânea. Rio de Janeiro, s.ed.,1982. Conferência na Escola Superior de Guerra, em 5 jun.1982.
12. OLIVEIRA, Suelyo Santos. Políticas e estratégia para contenção da violência no âmbito da Segurança pública. Segurança e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, 189:47-52, 1982.
13. PARTIDO Verde é uma força na Alemanha. O Globo, Rio de Janeiro, 30 jun. 1985.
14. SINGER, Jerome L. O controle da agressão e da violência. S. Paulo, EDUSP, 1975



00010310000307

A violencia no convívio social

1-A-76

1. ARNDT, Hannah. Trabalho de Residência. S. Paulo, Perspectiva, 1973.
2. BRASIL. Escola Superior de Guerra. Violência e sociedade. Rio de Janeiro, 1981.
3. BRASIL. Escola Superior de Guerra. Violência e sociedade. Rio de Janeiro, 1981.
4. BRASIL. Escola Superior de Guerra. Violência e sociedade. Rio de Janeiro, 1981.
5. BRITO JUNIOR, Antônio. A violência: causas e medidas. Defesa Nacional, Rio de Janeiro, 67(10):133-138, set. out. 1980.
6. CARONEN, Denise van. Agressividade e compatibilidade. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
7. CAVALLARI, Manoel Niederauer Tavares. Fatores Sociais e a participação política. Rio de Janeiro, a.ed., 1982. Conferência dada na Escola Superior de Guerra, em 3 Jun 1982.
8. KUTAWKI, Gilberto de Melo. Violência, permissividade e legitimidade. O Estado de S. Paulo, S. Paulo, 24 maio, 1981, p. 2.
9. MATOSO, Eugênio de Macedo. Agressão e sociedade. A Defesa Nacional, Rio de Janeiro, 67(7):103-117, jul. set. 1977.
10. MECAREE, Edwin I e HOKANSON, Jack E. A dinâmica da guerra. São Paulo, EDUEP, 1978.
11. MOURA, Paulo Cavalcante da Costa. Características psicológicas da época contemporânea. Rio de Janeiro, a.ed., 1982. Conferência dada na Escola Superior de Guerra, em 2 Jun 1982.
12. OLIVEIRA, Sérgio Santos. Política e estratégia para conter o crescimento da violência no âmbito da segurança pública. Segurança e Desenvolvimento, Rio de Janeiro, 18(4):47-52, 1982.
13. PARTIDO VERDE 3. Um tempo na Alemanha. O Globo, Rio de Janeiro, 30 Jun 1982.
14. SINGER, James I. O controle da agressão e da violência. São Paulo, Zahar, 1975.



Costa, Armando Sergio de Andra  
de da

A violencia no convivio social

1-A-76

(307/86)

10  
17 AGO 90

~~AM~~ AM A/A